

# Segue o fio



*Dulce Gonçalves*

## 1995

*Após três gestões de Sinval Ayres, Dulce Gonçalves assume a AECRT. Ela é a única mulher a ter presidido a associação.*

## 1996

*O Governo do Rio Grande do Sul vende 35% das ações da CRT. Em 1998, ocorre a privatização total da empresa.*

## 2002

*A AECRT deixa de existir e surge a Associação dos Profissionais em Telecomunicações e Tecnologia da Informação (ASTTI).*

## Capítulo 6

# O princípio do fim

A privatização da CRT encerrou um capítulo na história das telecomunicações brasileiras, separou amigos e ceifou vidas. Mas não demoveu a fibra e a coragem de quem liderava a associação.

## Uma mentira

Em 1995, Rogério Verlindo foi indicado para coordenar o Projeto Memória das Telecomunicações, criado pela CRT. Ele iniciou uma pesquisa em documentos, mobílias e fotos. Boa parte do acervo se perdeu quando Verlindo saiu da empresa, em 2001. Mas o trabalho foi retomado recentemente, com o apoio da AACRT. O memorial está instalado num imóvel da entidade. Entre telefones de magneto, anuários e outras relíquias, uma peça se destaca. É uma carta.

O memorial está instalado num imóvel da entidade. Entre telefones de magneto, anuários e outras relíquias, uma peça se destaca. É uma carta.

Os funcionários da CRT receberam essa mensagem em novembro de 1994. O Rio Grande do Sul, uma vez mais, vivia um período de efervescência política. Olívio Dutra, representando a Frente Popular, e Antônio Britto, do PMDB, disputavam o segundo turno das eleições estaduais. A campanha foi marcada por debates acalorados. Um dos argumentos da Frente Popular era de que Britto iria aderir ao movimento de privatização. E a CRT seria a bola da vez.

A carta que Rogério Verlindo ampliou e colocou em um quadro de quase 1 metro de altura foi assinada pelo candidato do PMDB. “É uma bobagem. É uma mentira”, escreve Britto a certa altura do texto. “Convido os funcionários da CRT a derrotar o boato e a mentira. E a construir uma empresa que assegure para sempre sua existência pela eficiência e respeito de seus usuários”.

Em 15 de novembro, numa disputa acirrada, Antônio Britto venceu Olívio Dutra por pouco mais de 200 mil votos, tornando-se o 33º governador da história do Rio Grande do Sul. A Família CRT jamais se esquecerá de sua carta.

Foto: Memorial CRT (AACRT)



*Promessa: Britto assegurava a participação estatal na CRT.*



## Uma chamada, uma fogueira

Antes do pleito daquele ano, o foco da AECRT estava concentrado em espetos, erva-mate e no ponto da costela. A associação montou o seu primeiro piquete no Acampamento Farroupilha em setembro de 1994. Ali surgiu o embrião do que viria a ser o Departamento de Tradições Gaúchas (DTG).

À época, alguns funcionários da CRT já possuíam um piquete não oficial no Parque Harmonia, chamado de O Clarim dos Pagos. “A turma se reunia em barracas de lona para ouvir música e comer churrasco. Pensamos em expandir isso”, conta Carlos Alberto Pires. Mourão, como ele é conhecido, trouxe a ideia de formar um DTG para a AECRT em 1995. E a proposta foi aprovada.

*Desbravadores: sob a lona amarela, a AECRT montou o seu primeiro piquete.*



Desfiles: os veículos do DTG sempre marcaram presença.

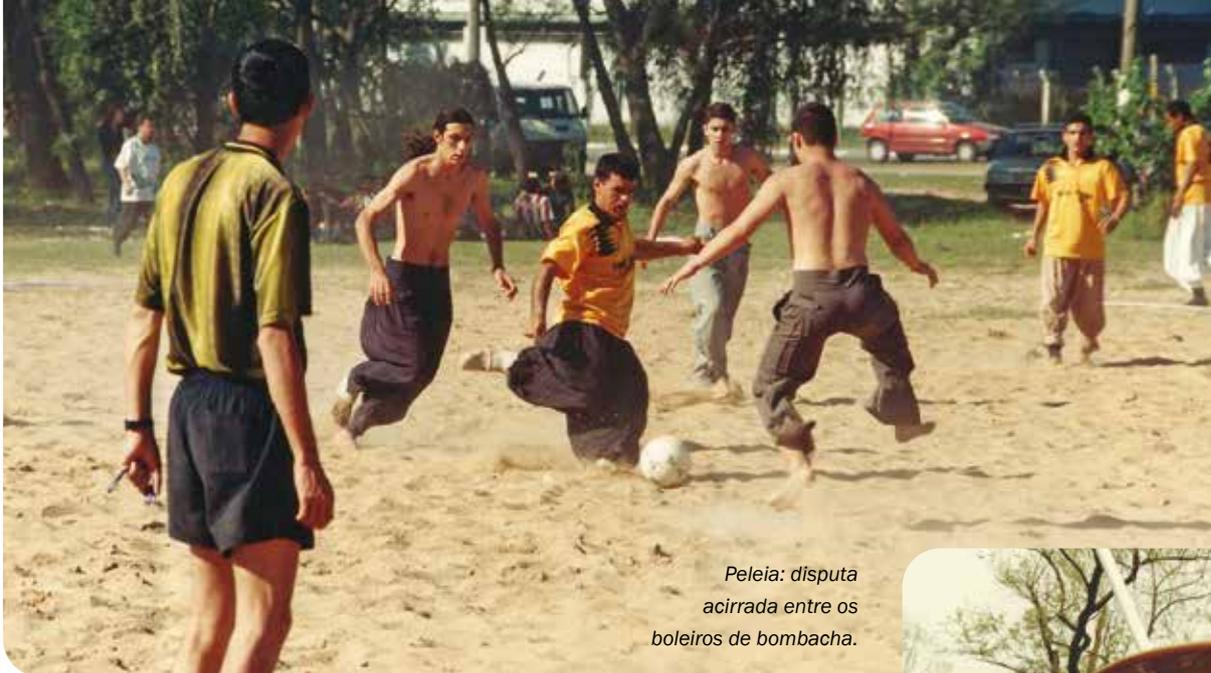
### Outros rincões

*O DTG também participou de eventos fora de Porto Alegre, como o Rodeio Internacional e a Tafona (concurso de música nativista), ambos de Osório. À época, foi uma forma de aproximar a AECRT dos Associados do litoral.*

A primeira patronagem tinha nomes como José Nunes, Élcio Bento, Leonido Rodrigues e Valdir Costa. Mourão foi escolhido para ser o patrão. Já o nome do DTG veio de um concurso divulgado no Teliga. O autor da opção mais votada foi Jorge Siam, que também integrava o grupo fundador. Como prêmio, Siam ganhou uma ovelha. O núcleo impulsionou os eventos nativistas na associação. “Íamos nas seções convocar os colegas para participar do acampamento. Foi um trabalho de formiguinha”, lembra Mourão. Aliás, a AECRT proporcionou um verdadeiro salto de qualidade no Parque Harmonia.

A cada ano, o piquete da associação trazia novidades. As lonas amarelas de borracha, que haviam sido usadas em 1994, foram substituídas por uma barraca com tablado no ano seguinte. Depois, o local foi montado com costaneiras e recebeu uma coifa para direcionar a fumaça da churrasqueira. “Fomos os primeiros a fazer isso. Tornou-se uma regra do acampamento”, exalta Dulce. “Diziam que só faltava ter ar-condicionado no nosso piquete”.

Outra contribuição do DTG foi a criação do Futebol de Bombacha, um torneio interno entre os gaudérios, sugerido pela direção de



*Peleia: disputa acirrada entre os boleiros de bombacha.*

esportes da entidade, então comandada por Enoir Kowalski e Gilberto Brandão. Os atletas, claro, só podiam jogar devidamente pilchados. “Tinha gente gritando com espeto atrás da goleira. Outros levando cachaça pros jogadores. Era muito divertido”, lembra Mourão. “O melhor é que havia chovido um dia antes. Então, o campo estava um barral.” A competição deu tão certo que passou a fazer parte da agenda da Semana Farroupilha no Parque da Harmonia.

Além do piquete, a associação fazia bonito nos desfiles do dia 20 de setembro. O DTG enfeitava carros e pequenos caminhões com as cores do Rio Grande do Sul e da AECRT. Até o boneco Tchexito, sucesso nas Olimpíadas de Passo Fundo, marcava presença. “Era o Enoir quem vestia a fantasia”, revela Mourão. “Quase não dava para enxergar dentro dela. Então, nós brincávamos com ele e pedíamos para abanar na direção em que não havia ninguém.”

Na parada de 1996, por exemplo, o público aplaudiu efusivamente a passagem da comitiva da entidade. Nem tanto pela ornamentação dos veículos, mas por suas faixas de protesto. Uma delas trazia os dizeres “A CRT é dos gaúchos”.



*Chasque: o orelhão gaudério do DTG.*



## Natal gordo

*O Natal de 1995 pode ser considerado o auge dos tempos de bonança da AECRT. Nesse ano, a associação distribuiu cinco carros Fiat Uno como premiação no sorteio da festa de fim de ano.*

*O sucesso de eventos desse tipo era garantido pelo envolvimento geral da direção. E uma pessoa se destacava em especial: o diretor social Eloir dos Santos Silva, figura presente na organização e na animação de todas as festividades e ações dessa época. “Ele tinha um engajamento muito grande. Era sempre um dos que mais vendia rifas e convites”, destaca Renato.*



## O primeiro golpe

As guirlandas e as fitas vermelhas cobrem quase toda a parede do ginásio. No alto de uma escada, sozinha, Dulce ajeita as bolinhas espelhadas entre os ramos verdes salpicados de isopor, que imitam os pinheiros nevados de Natal. “Nenhum de vocês vai me ajudar?”, vocífera a presidente da AECRT. Uma voz sôfrega, saída do meio de um monturo de corpos atirados no meio da quadra de esportes, responde num tom de quase desespero: “Dulce, são três da manhã. A gente pode ir embora?”.

Era difícil acompanhar o ritmo de Dulce Gonçalves. O seu empenho em prol da AECRT era total. “Depois dos eventos, eu ia catar lixo e lavar banheiro junto com as serventes. Botava a mão na massa para dar o exemplo”, diz ela. Em 1995, após três mandatos consecutivos, Sinval Ayres deixou a Presidência da entidade. E coube a Dulce a missão de dirigi-la em seu momento mais complexo.

Em 8 de novembro daquele ano, mais ou menos 12 meses depois de escrever a fatídica carta aos funcionários da CRT, Antônio Britto enviou o Projeto de Lei 530 à Assembleia Legislativa. O texto propunha a venda de 35% da companhia à iniciativa privada. A reação da categoria foi imediata. Passeatas e protestos se avolumaram nas semanas seguintes. Mas esses movimentos não foram suficientes para conter o que era inevitável. Em 20 de dezembro, os deputados gaúchos aprovaram a proposta.

O tema já vinha sendo debatido nos corredores da companhia havia bastante tempo. A AECRT chegou a promover seminários para avaliar os possíveis impactos dessa medida. Mesmo depois de o processo ter sido aberto, a hipótese da venda da CRT ainda era vista com incredulidade por muita gente. “Nós sabíamos dos riscos, mas queríamos acreditar que não iria acontecer”, afirma Renato. A ficha, entretanto, começou a cair definitivamente no verão de 1996.

### Caem as fichas

*Em 1994, a CRT começa a substituir a rede de telefones públicos de fichas por aparelhos que utilizam cartões para realizar as chamadas.*

## Rádio Bambu

Quando deixou a beira do mar para ir até o camping de Magistério, Mourão queria apenas fazer uma caipirinha e curtir a manhã de sol ao lado da esposa. Mas ele resolveu ligar o rádio enquanto macerava os limões. Foi quando a sua vida começou a mudar. “Ouvi o governador afirmar que a venda da CRT era um processo sem escapatória. Seria aberto um PDV para os funcionários”, conta. “Disse à minha esposa que, se fosse verdade, eu pegaria o meu boné.” Mourão tinha 32 anos e atuava na companhia desde os 13.

A sigla PDV significa Plano de Demissão Voluntária. É uma ferramenta administrativa utilizada para reduzir o quadro de funcionários. Quem adere à proposta, em tese, recebe benefícios maiores do que na rescisão convencional. Já a empresa consegue enxugar drasticamente a sua folha de pagamento. Naquele momento, era interessante para o governo colocar à venda uma companhia com custos mensais mais leves.

O clima de desconfiança que já pairava sobre os servidores da CRT acentuou-se com a abertura do primeiro PDV, em abril de 1996. A incerteza em relação ao futuro fez muita gente abraçar a ideia. “À época, dizia-se que essa seria a única oportunidade. E eu tinha um dos maiores salários dentro do plano de carreira”, lembra o ex-presidente Pedro Sousa. Ele foi um dos cerca de 1.500 funcionários que aceitaram a proposta. Mais do que isso, Pedro ajudou a divulgar o projeto.

A CRT possuía uma emissora interna, chamada de Rádio Bambu. O sinal, distribuído através da própria rede telefônica, era transmitido em altofalantes nos prédios da companhia. À época, a emissora chegou a criar um programa especial que, entre outros temas, divulgava os possíveis benefícios do PDV. “Fui entrevistado

**“A associação perdeu muita receita com o PDV. A partir disso, tivemos de nos reorganizar.”**

*Renato, executivo de negócios da ASTTI.*



Bocha: salão ampliou a estrutura da sede campestre.

e disse que era uma boa oportunidade para quem quisesse montar uma empresa”, afirma Pedro Sousa. “Na prática, aquilo não passava de uma ilusão.”

Os relacionamentos familiares e, acima de tudo, a política de estabilidade faziam com que os funcionários vissem a CRT como único horizonte profissional. “As pessoas imaginavam entrar na empresa e ficar até a aposentadoria”, explica Adão Proença, diretor de patrimônio da ASTTI. Muitos empregados estavam próximos de completar o tempo de serviço quando o PDV foi lançado e aproveitaram para se aposentar em boas condições.

O maior contingente de demissionários, porém, precisou ir ao mercado em busca de outras opções. “Houve oficinas com consultores que instruíam as pessoas a empreender. Mas faltava preparo para a maioria delas”, analisa Rogério Verlindo. Lojas de informática, cybercafés, barracas de cachorro-quente: diferentes negócios foram montados e naufragaram. Pouca gente deu certo. Algumas pessoas conseguiram colocação nas empresas terceirizadas que passaram a servir o setor de telecomunicações nessa época. Lá, encontraram salários e condições bem inferiores aos da CRT.

### Sorte de principiante

*Os fãs de bocha, que haviam ficado sem as suas canchas em razão da construção do Galpão Crioulo, foram ressarcidos em 1998.*

*A inauguração do salão da bocha contou com a presença de bochófilos de diversos estados. Coube à presidente Dulce Gonçalves fazer o arremesso inaugural. “Nunca havia jogado. O Brandão me ensinou na hora. Acabei alcançando a maior pontuação da noite”, lembra.*

## **Nosso quinhão**

*Os grupos ligados à categoria se organizaram para participar do processo de mudança da CRT. Isso foi feito em 1996, através do Clube de Investimento dos Telefônicos (CIT). A ideia era unir forças com a Família CRT para comprar ações da companhia. Os funcionários iriam adquirir cotas e as repassariam ao clube, embora continuassem com a possibilidade de vendê-las no futuro e lucrar com o rendimento. A entidade, assim, alcançaria representatividade e poderia ter voz no processo decisório da empresa.*

*O projeto era adquirir 10% das ações da CRT, percentual que daria direito a uma vaga no Conselho de Administração. Naquele momento, entretanto, apenas 3% das cotas estavam disponíveis. A exemplo da Campanha dos Tijolos, uma comitiva passou a visitar departamentos e sedes do interior para divulgar o projeto. Cerca de 3,6 mil pessoas compraram ações e ingressaram no CIT.*

*Apesar do esforço, o objetivo final não foi alcançado. O condomínio do clube de investimentos congregava AECRT, AACRT, ASTEC, Sinttel-RS, Fundação CRT, Clube dos Técnicos (CTEC) e Associação dos Empregados da Fundação CRT (AEFCRT).*

Os desligamentos representaram uma diminuição de 25% do capital humano da companhia. E o baque foi sentido no caixa da associação. Os estatutos da época vetavam a filiação de quem não era funcionário da CRT. Ou seja, os colegas davam adeus à empresa e, por consequência, também deixavam a AECRT. A direção buscou contornar o processo e passou a permitir sócios egressos das empresas terceirizadas, como forma de amainar o esvaziamento.

Em 17 de dezembro de 1996, um leilão realizado na Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul (Fiergs) determinou a venda de 35% das ações da CRT, pelo valor de R\$ 681 milhões. O vencedor da disputa foi um consórcio formado por Telefônica de Espanha, RBS Participações, Telefônica da Argentina e Citicorp. Esse grupo passou a gerir a companhia a partir de janeiro de 1997. Dali em diante, ela jamais seria a mesma.

## A família se desfaz

O quadro funcional continuou diminuindo nos meses seguintes à primeira onda da privatização, com a abertura de novos PDVs e o início das demissões. Ainda assim, a associação mantinha um bom número de sócios e conseguia promover suas atividades. Em 1996, por exemplo, a entidade organizou mais uma edição da Olimpíada da CRT – batizada de Jogos da Amizade. A competição, realizada na sede campestre, incluiu diversas modalidades.

As festas também continuaram ocorrendo. No Dia das Crianças de 1996, a animação ficou por conta da cachorrada da TV Colosso, o programa da Rede Globo que animava as manhãs da menina. A distribuição dos ranchos, os eventos, as competições, tudo seguia de pé. Mas isso não aplacava o clima de angústia com as mudanças ocorridas na CRT. Em 27 de julho de 1997, a situação ficou ainda mais complicada.



Esporte em alta: Jogos da Amizade marcaram o ano de 1996.

### No corpo e na alma

*O choque causado pela saída da CRT provocou sequelas em muitos funcionários. Existem vários relatos de pessoas que desenvolveram transtornos mentais, adoeceram ou mesmo faleceram em razão do rompimento com a empresa. “Alguns dados mostram que, na nossa categoria, há três vezes mais doentes crônicos do que a média nacional”, afirma Delcio Poltosi. “Boa parte disso decorre do estresse sofrido no processo abrupto da privatização.”*



### **Nova cara**

*A fase de transformação ficou estampada na nova marca da AECRT. Elaborada por uma agência contratada, a arte conferiu um movimento de rotação aos traços do primeiro logotipo. Essa identidade visual foi também utilizada nos primeiros anos da ASTTI.*

A Assembleia Legislativa aprovou a Lei 11.004, que determinava a privatização completa da companhia. A Telefônica do Brasil Holding, como era chamado o *pool* coordenado pela Telefônica de Espanha, pagou R\$ 1,2 bilhão para alcançar o controle acionário (50,2% das cotas), em um leilão realizado no dia 19 de junho de 1998. O fim da participação estatal era uma sentença de morte. Se não da empresa, ao menos de sua cultura organizacional.

Não demorou até que as demissões em massa começassem. Em 4 de dezembro, uma sexta-feira sombria, mais de 400 pessoas foram mandadas embora. “Tinha 120 funcionários na minha seção. A metade foi demitida de uma só vez”, lembra Adão Proença. Os cortes continuaram nos meses seguintes, e outros PDVs foram abertos. Periodicamente, os profissionais recebiam cartas divulgando os benefícios do desligamento voluntário. Houve relatos de assédio moral para que as propostas fossem aceitas.

Aos poucos, o quadro funcional começou a minguar. “Foi uma fase terrível. Diariamente, a gente via os colegas indo embora”, lembra Brandão. Quem permanecia na empresa vivia a angústia de ser desligado a qualquer momento, sem uma justificativa clara. Além disso, a carga de trabalho foi dobrada, em razão da diminuição do efetivo. “Isso gerou um prejuízo muito grande não apenas às pessoas, mas para a CRT. Fiquei até 2007 e notei que a qualidade técnica caiu muito após a privatização”, analisa Mauro Guterres.

## **O triste adeus**

A marca CRT continuou sendo utilizada nos primeiros anos após a privatização. Em fevereiro de 2000, entretanto, a companhia se viu envolvida num imbróglio jurídico. A Telefônica do Brasil havia adquirido a Telecomunicações de São Paulo (Telesp) em julho de 1998, um mês após assumir o controle da CRT. Mas a legislação da época não permitia que uma empresa controlasse duas estatais do setor ao mesmo tempo.



Último ano: virada do milênio marcou o fim da marca CRT.

O consórcio, assim, precisaria se desfazer de uma delas – e optou por ficar com a companhia paulista. A segunda maior acionista da CRT era a Tele Centro Sul Participações, que foi guindada à gestão em fevereiro de 2000. A Telefônica do Brasil, entretanto, deveria ser ressarcida por abrir mão de suas ações. Mas as duas empresas não chegaram a um acordo em relação a esses valores.

Em razão do impasse, a Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel) precisou realizar uma intervenção na CRT. A companhia ficou sob comando provisório da agência até agosto daquele ano, quando a Tele Centro Sul pagou R\$ 800 milhões à Telefônica do Brasil e assumiu a gerência definitiva. Em dezembro de 2000, a empresa passou a usar o nome Brasil Telecom para identificar a provedora de telefonia dos gaúchos. A marca CRT, então, deixou de existir. Era o fim de uma história e o início de um dilema para a associação.

### **Aqui, não**

*Nessa época, alguns executivos da Tele Centro Sul foram recebidos pela AECRT em um almoço e se encantaram com a estrutura da sede campestre. Mas não esconderam a decepção ao serem informados de que o patrimônio havia sido erguido pelos próprios funcionários e não fazia parte do espólio adquirido junto ao estado.*

## Número 1

***Demitido da CRT em 2002, Renato teve que deixar o seu cargo de diretor administrativo da associação. Mas ele não se afastou da entidade: tornou-se o primeiro funcionário contratado pela ASTTI.***

*Dulce: fibra na hora mais difícil.*



## Exército de uma mulher só

As demissões que ocorreram a partir do final de 1998 foram, gradualmente, corroendo o caixa da AECRT. O cenário ficou ainda mais dramático com a chegada da Brasil Telecom. A empresa contratou um executivo para coordenar o projeto de integração da CRT à nova controladora. E o enxugamento do quadro foi uma de suas principais estratégias.

Em 2002, os desligamentos atingiram os diretores da associação. Nomes fundamentais para o dia a dia da entidade, como Sinval e Renato, foram demitidos. Uma comitiva, liderada por Dulce Gonçalves, viajou a Brasília para tentar reverter os cortes junto à direção nacional da Brasil Telecom. Não foi possível. Nessa fase, a empresa também suspendeu o desconto em folha das mensalidades. O contingente de sócios da AECRT desabou de 5 mil para 500 em três anos. “Havia dias em que sentávamos ao redor de uma mesa na Ramiro D’ávila e nos perguntávamos o que fazer. Foi uma fase muito difícil”, lembra Ernani Telles, que fazia parte do Conselho da associação nessa época. Para piorar, a entidade corria o risco de ficar ingovernável.

O estatuto da AECRT só permitia que funcionários ou servidores aposentados da CRT assumissem a Presidência. Naquele momento, não havia muitas pessoas que se enquadrassem nessas condições. A tesoura da Brasil Telecom seguia desbastando o quadro de funcionários sem dó. E a lista de cortes fatalmente chegaria a Dulce Gonçalves. Ou seja, sem diretores e sem dinheiro, a AECRT podia ficar sem pessoas aptas para geri-la. A saída encontrada por Dulce foi requerer a aposentadoria de forma antecipada – medida que acabou impactando no cálculo de seu benefício. O processo foi concluído em janeiro de 2002. Ao menos essa questão estava resolvida. Mas havia outras.

## Em nome do sonho

A AECRT nasceu para congregar os funcionários da companhia. Era o elo maior entre colegas que se consideravam membros de uma família criada pela profissão. Agora, já não havia mais a CRT. E tinham sobrado poucos amigos. O propósito da associação estava em xeque. Em meados de 2002, Dulce Gonçalves escreveu uma carta aos Associados e convocou uma assembleia para debater a questão. Era preciso decidir o que fazer com a marca, a história e o patrimônio construídos ao longo de 22 anos.

A solução encontrada pelo grupo foi apostar nos valores que haviam forjado a Família CRT e guiado a associação desde sempre. Essa riqueza intangível seria a responsável por manter vivo o sonho de uma organização voltada ao bem-estar e à união de uma categoria inteira. Não era hora de desaparecer, mas de expandir limites. A proposta, assim, foi abrir a associação para conectá-la não apenas aos telefônicos, mas a todo o segmento de telecomunicações e Tecnologia da Informação (TI).

Para tanto, uma mudança seria fundamental. “Entendemos que era hora de mudar o nome da entidade, porque a empresa que adorávamos não existia mais”, conta Renato. Houve quem temesse uma perda da identidade com essa transformação. Mas a maior parte das pessoas envolvidas entendeu que era o único caminho para o momento. A CRT, nunca mais. Assim, em agosto de 2002, a AECRT é desativada. Em seu lugar, surge a Associação dos Profissionais em Telecomunicações e Tecnologia da Informação (ASTTI).

O desafio de fazer o novo projeto vingar, porém, exigiria outras medidas. Algumas delas bem dolorosas.

*Fraternidade: no sorriso dos sonhadores, o legado mortal da AECRT.*



## Na memória



*Cerimônia: delegações e fogos de artifício abriram os Jogos da Amizade de 1996. O evento teve uma segunda edição em 1998.*



*Amizade: a chama da fraternidade sempre acesa.*





*Nativismo: o DTG seguiu dando show na Semana Farroupilha.*



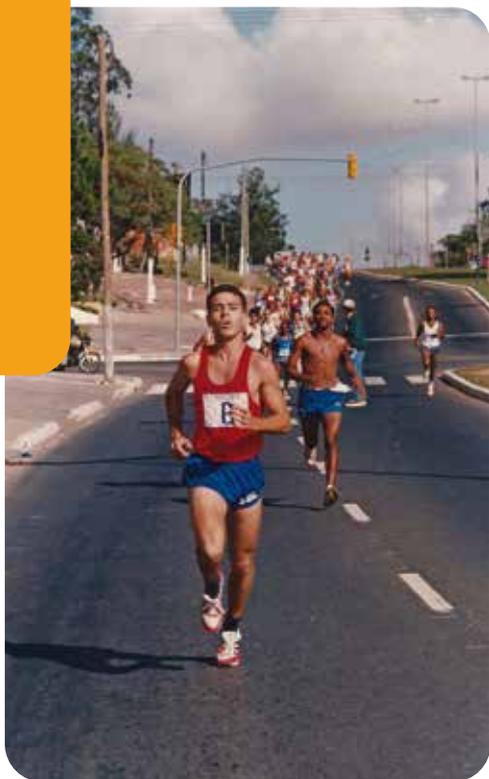
*Enoir Kowalski: dentro da fantasia do Tchezito, distribuindo simpatia a quem quisesse ver.*



*Casa de bonecas: recentemente, o equipamento foi desativado e cedeu lugar à piscina semiolímpica.*



*Salão da Bocha: espaço para amantes do esporte recebe eventos e competições.*



*Fôlego: a AECRT organizou corridas dentro e fora da sede campestre.*



Melhoria: a estrutura foi ampliada com o salão do DTG.

Recompensa: conquistado com muito suor, o ginásio tornou-se a casa de todos os eventos.

